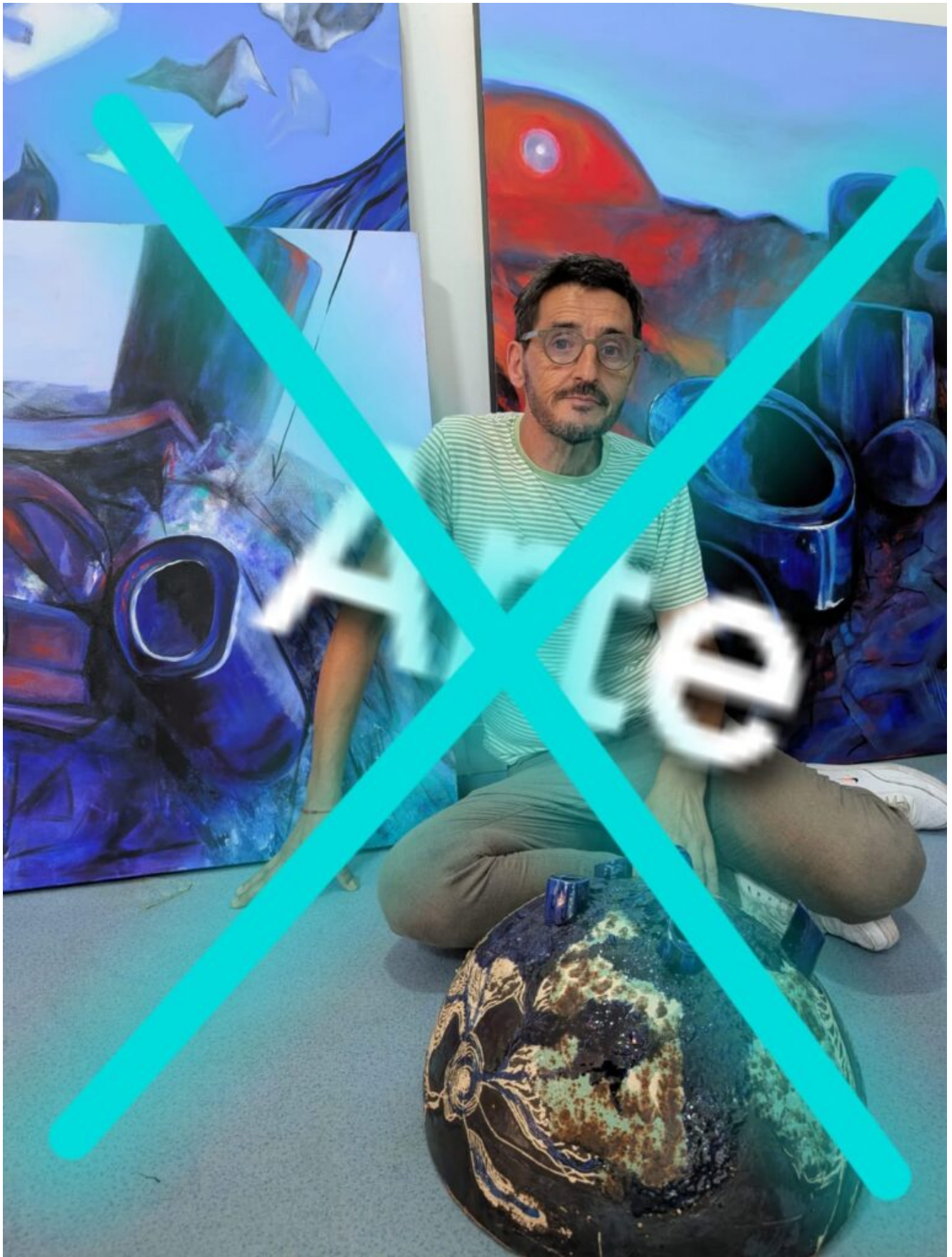


Da arte à propaganda: o perigo que ameaça atravessar o Atlântico

written by Amadeu Ricardo | 15 de Agosto, 2025



Donald Trump não está apenas a disputar eleições. Está a disputar a própria alma cultural dos Estados Unidos. Ao assumir o controlo do **Kennedy Center**, demitir conselheiros e filtrar as nomeações para os Kennedy Center Honors de 2025, o

presidente americano deixou claro que, no seu governo, **a arte não é um território livre** – é um instrumento político.

A lista deste ano – Michael Crawford, Sylvester Stallone, George Strait, Gloria Gaynor e Kiss – diz mais **pelo que excluído que pelo que inclui**. Ficaram de fora artistas que ousam desafiar ou questionar. Ficaram de fora as vozes dissonantes, os símbolos de diversidade, as histórias incómodas. Trump não escondeu: vetou os candidatos “woke” e quer “corrigir” a direção da instituição. Corrigir, aqui, significa **alinhar a cultura com a sua visão de mundo**.

E não se trata de um gesto isolado, antes fosse. A ofensiva cultural é mais ampla: **cortes ao National Endowment for the Arts, restrições a projectos sobre a diversidade e identidade de género, pressões sobre os museus do Smithsonian para remover conteúdos “não alinhados”**. Até o caso aparentemente menor do retrato pintado por Sarah Boardman – removido da exposição após as críticas pessoais de Trump – faz parte deste clima de intimidação. Não é censura por decreto; é censura pelo medo.

A arte, por natureza, é o **motor da liberdade**. É espaço para questionar, para incomodar, para imaginar futuros que não cabem nos discursos oficiais. Quando o poder político começa a decidir quem merece palco e quem deve ser silenciado, estamos perante propaganda, e não cultura. É uma lógica perversa e perigosa que, ao contrário do que muitos europeus gostam de acreditar, não é um exclusivo americano.

A velha Europa não está imune. Os discursos que justificam “corrigir” a cultura, “proteger” os valores tradicionais ou “limpar” conteúdos ofensivos já ecoam por este lado do Atlântico. E, tal como nos EUA, apresentam-se com aquelas palavras de ordem sedutoras: patriotismo, identidade, unidade. Mas por detrás delas está o mesmo objectivo – controlar o imaginário colectivo, moldar a memória cultural, e **apagar o incómodo**.

O perigo é silencioso: quando dermos por isso, as vozes dissonantes já terão desaparecido e a história será contada **apenas por quem esteve no poder**. A liberdade criativa não se perde de um dia para o outro. Perde-se devagar, peça a peça, folha a folha, palco a palco, até que fique apenas um coro perfeitamente afinado, que canta a melodia de quem segura o microfone.

Algo de sinistro esta em marcha!

Referências

1. The Guardian – And here is your host ... Trump casts himself for Kennedy Center honours (2025).
2. The Daily Beast – Trump Fantasizes About Renaming the Kennedy Center After Himself (2025).
3. PBS NewsHour – Trump says he’s naming himself chairman of the Kennedy Center (2025).
4. Forbes – Trump Takes Over Kennedy Center in War on Woke Programming (2025).
5. Artnet News – Trump’s Impact on the Arts: A Running List (2025).